



Senhor Presidente da Assembleia

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhora e Senhores membros do Governo

Desde o nascer do sol que o vigia estava ali, de olhos colados aos binóculos a “varrer” o mar que tinha à sua frente, sem pressas. Finalmente surge o sinal que tanto aguardava. Confirmava-se, era um cachalote. Acende um cigarro e corre para o exterior do pequeno edifício situado numa elevação cuja característica principal era a sua janela peculiar que permitia observar o mar num ângulo de 180 graus. Encostou o cigarro ao foguete e este elevou-se em direcção ao céu e com o seu enorme estrondo avisa os homens que é preciso abalar em direcção ao porto, arrear os botes e partir à caça do cachalote, deixando o amanho da terra para o dia seguinte. Primeiro rebocados pela “gasolina” até onde o este não os pudesse detectar, depois a remos ou à vela aproximam-se de surdina do enorme animal marinho que vagueava, calmamente, indiferente à sorte que o esperava. A perícia do mestre colocava o bote muito perto do objectivo, até que era chegada a altura do “trancador” desferir o golpe que, com sorte, haveria de acabar por ser fatal para o cachalote.



Senhor Presidente da Assembleia

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhora e Senhores membros do Governo

Antigamente era assim. O fruto desta arriscada caça alimentava fábricas e, sobretudo, muitas bocas.

A partir de 1987 esta actividade foi proibida nos nossos mares, apesar de Portugal ter solicitado a inclusão numa reduzida lista de excepções, como os casos do Alasca e da Gronelândia, devido à grande tradição e ao modo artesanal com que era levada a cabo nos Açores e, como tal, sem representar uma ameaça para esta espécie.

Nos anos noventa foi implementada uma nova forma de exploração dos mares: o turismo ecológico. Transformaram-se as velhas fábricas em museus, recuperaram-se os botes, enquanto as antigas vigias são ainda hoje lugares de detecção e localização dos cetáceos, só que agora apenas com o objectivo de os mostrar aos turistas em modernas e rápidas embarcações, enquanto a



reutilização dos botes, como símbolos materiais mais importantes da cultura da baleação, servem sobretudo para engalanar as nossas baías em vistosas regatas a remos ou à vela, que constituem acontecimentos de cariz social, cultural e turístico de excelência, participadas por mulheres e homens que, a todo o custo, querem manter vivas as tradições do nosso povo. Estas provas envolvem 20 botes, 9 lanchas e 170 participantes em 9 ou 10 provas anuais. Por esta via a nossa comunidade procura reabilitar a sua identidade cultural neste mundo globalizado propício à degradação das culturas tradicionais e singulares.

A partir da década referida, houve que fazer mudanças mais consentâneas com esta nova realidade. Foi o advento das empresas marítimo turísticas que passaram a oferecer aos seus clientes a caça, mas agora de emoções e fotografias, nas suas actividades de observação de cetáceos, passeios, mergulho, etc..

É certo que durante muitos anos o mar apenas servia para retirar uns poucos proventos oriundos de uma pesca de subsistência e artesanal. Vivíamos de costas para o mar como que atemorizados pelo desconhecido. Neste momento existe uma opção clara por explorar as suas potencialidades de forma coerente e balizada por



regras de protecção da natureza e a actividade da pesca está perfeitamente profissionalizada, bem equipada, modernizada e exercida por uma classe que tem vindo a rejuvenescer-se ao longo dos últimos anos e actuando de modo a garantir a sustentabilidade da actividade.

Senhor Presidente da Assembleia

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhora e Senhores membros do Governo

Os 22 clubes ou associações com actividades náuticas, coordenados pela Associação Regional de Vela dos Açores e que se encontram espalhados por quase todas as ilhas, tem dado um enorme contributo no desenvolvimento das diversas vertentes da vela, registando em 2006 cerca de quatro centenas de licenças desportivas, mais do dobro do que em 1996, enquadrados por 68 técnicos, tendo-se realizado 24 provas locais, 30 de âmbito regional e participado em 12 provas nacionais e 1 de nível internacional.



Na vertente económica das actividades náuticas verifica-se que estão registadas nos Açores 71 empresas que se dedicam à sua exploração comercial. Cada uma delas abarca diversas valências, sendo as de maior relevância os passeios turísticos, que englobam 40 empresas, a pesca desportiva desenvolvida por 29 empresas, observação de cetáceos por 26 e, por fim, 20 empresas dedicam-se também ao mergulho.

Dentro das actividades marítimo turísticas, as subaquáticas estão em franco crescimento e constituem, sem sombra de dúvida, um potencial ainda por explorar, mas que, mesmo assim, já representa um nicho de mercado que importa valorizar.

Para chegar até aqui, o Governo Regional tem demonstrado grande empenho, e isso tem sido reconhecido mesmo internacionalmente, nomeadamente pelo facto de ter sido a primeira região a aprovar planos de gestão dos SIC marinhos da rede Natura 2000, uma das primeiras do mundo a propor a protecção das fontes hidrotermais, por ter limitado a pesca dentro das 3 milhas marítimas e por ter abolido a pesca do arrasto nos nossos mares. Tem sido executado um plano de investimento cuidado e equilibrado na actividade piscatória e nas infra-



estruturas de recreio náutico, sem descuidar o ambiente e isso um pouco por todas as ilhas de modo a promover um desenvolvimento harmonioso.

Devido a este panorama favorável, o mergulho, com e sem escafandro autónomo, ganha cada vez mais importância neste grupo de actividades, também impulsionados por uma série de eventos desportivos, o I Congresso de Mergulho dos Açores e o lançamento recente do Guia de Mergulho dos Açores, o primeiro do género em Portugal e que pretende promover este pequeno paraíso subaquático no meio do Atlântico, nomeadamente com o objectivo de dotar os interessados de toda a informação necessária para uma viagem de mergulho aos Açores.

Por todo o arquipélago o mar e os seus fundos constituem um espectáculo deslumbrante, proporcionando momentos de rara beleza e encontros com uma variedade de peixes e uma flora rica e, também por isso, sempre surpreendente, em conjugação com a configuração dos fundos com grandes cavernas e arcadas, os diversos naufrágios, a visibilidade até 30 metros e temperaturas da água do mar a variar entre os 17 e os 24 graus centígrados, fazem-nos perceber estarmos perante um desafio de um segmento



do turismo que ganha cada vez uma maior importância em mercados que, acreditamos, serem de qualidade e que não exercem qualquer pressão ambiental.

Os números na Europa são surpreendentes: se em Portugal existiam 20.000 mergulhadores, já em Espanha esse número subia para os 120.000, na Inglaterra eram mais de 200.000, 300.000 na França e na Alemanha cerca de 400.000. O curioso é que desses totais cerca de 6.000 mergulhadores portugueses, 30.000 espanhóis, 80.000 ingleses, 150.000 franceses e 300.000 alemães declararam que condicionam as suas férias no exterior às actividades subaquáticas.

É também espantoso verificar que num guia francês de viagens de mergulho, da época 2005-2006, anexo a uma revista da especialidade e onde são apresentados com detalhe 67 destinos, situados no Mar Vermelho, Oceano Índico, Ásia, Pacífico, Caraíbas, América do Sul, Atlântico, Canadá e Mediterrâneo, apenas 8 desses destinos são mais baratos que os Açores, nomeadamente o Egipto, Jordânia, Brasil, Croácia, Espanha, Grécia, Malta e Turquia. Os nossos concorrentes mais directos,



Cabo Verde, Itália e arquipélago das Canárias (Espanha), estão ligeiramente acima de nós.

Esta constatação deita por terra algumas ideias preconcebidas e divulgadas a sete ventos, por vezes de forma irresponsável, de que a acessibilidade à nossa região é difícil e onerosa, ideias que não deixam de provocar um certo imobilismo que queremos afastar, a todo o custo.

Senhor Presidente da Assembleia

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhora e Senhores membros do Governo

A ilha Graciosa está a afirmar-se cada vez mais neste mercado devido, em primeira análise, à proximidade de outras ilhas do grupo central, à qualidade das suas águas, à maior plataforma marítima, se comparado com outras ilhas, às inúmeras baixas e diversos naufrágios, o que no seu conjunto constitui mais de quatro dezenas de pontos de mergulho. Por outro lado a pacatez das suas gentes, os excelentes patrimónios natural e construído





fazem daquela ilha um local ideal para receber grupos que procuram este tipo de actividades.

A organização regular de eventos, como foram os casos do Campeonato Nacional de Fotografia Subaquática de 2004 e o Open Internacional de Fotografia Subaquática de 2006, primeiro do género realizado no país, em conjugação com o grande esforço para a sua promoção, contribuíram decididamente para colocar a ilha Graciosa como um destino de eleição.

A candidatura a Reserva da Biosfera da Unesco, que contamos estar já aprovada até ao final do corrente ano, vai de encontro a esta forma de relançar a preocupação com a natureza de modo a obter mais valias nas nossas produções agrícolas e também no turismo.

Existem naquela ilha 2 empresas marítimo turísticas que, neste momento, já reflectem algum movimento: nos passeios de barco com tripulação foram movimentadas em 2006 cerca de 700 pessoas, em 130 saídas, sensivelmente o mesmo que no ano anterior, enquanto no mergulho, com e sem escafandro autónomo,



movimentaram-se no mesmo ano 483 pessoas, representando um crescimento na ordem dos 33% relativamente ao ano de 2005.

O lançamento do novo hotel de 4 estrelas e com 120 camas, cujo concurso para a sua construção está a decorrer neste momento, em conjugação com outros investimentos na mesma área, no termalismo e na cultura, fazem-nos acreditar que também a ilha Graciosa terá viabilidade.

As pessoas é que constroem o seu próprio futuro e não podemos estar constantemente a lamentar a nossa sorte e à espera que outros resolvam os nossos problemas.

Disse.

Horta, Sala das Sessões, 13 de Fevereiro de 2007.

O Deputado Regional

José Manuel Gregório de Ávila